

Resenha. Couto, Hildo Honório. 2021. *A linguagem rural da região de Major Porto, município de Patos de Minas (MG): Uma visão linguístico-ecossistêmica*. 1a Ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 159 pp.

As ciências da linguagem têm percebido, ultimamente, desde a Europa - notadamente Áustria e Alemanha - Estados Unidos, Ásia e América, uma nova forma de ver a linguagem, de maneira ecossistêmica, inter-relacionada ao mundo natural, mental e social. O livro *A linguagem rural da região de Major Porto, município de Patos de Minas (MG): uma perspectiva linguístico ecossistêmica* investiga e destaca aspectos sertanejos naturais por meio da análise da linguagem da comunidade de Capelinha do Chumbo, atual povoado de Major Porto, situado no município Patos de Minas, mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, estado de Minas Gerais, Brasil. Segundo o IBGE (2021), a colonização da região de Patos de Minas iniciou-se antes das descobertas de ouro, provavelmente na metade do século XVIII. Seus primeiros habitantes teriam sido lavradores e criadores de gado, como os descritos na obra em tela.

O livro inicia com um prólogo, seguido de nove capítulos, conclusões, epílogo, notas, referências e apêndices com informações de pesquisas realizadas. Na *Introdução*, o autor apresenta o objetivo da obra, sua organização, bem como presenteia os leitores com o poema *Capelinha do Chumbo*.

No capítulo 1, *Bases Teóricas*, Couto define a Linguística Ecossistêmica como o estudo das interações que se dão no interior do ecossistema linguístico e apresenta outros conceitos centrais que constituem esse campo de estudos, com três elementos que fundamentam sua base: a Língua, o Povo e o Território. Esses elementos base geram o Ecossistema Integral da Língua, integrado pelos ecossistemas natural, mental e social. O autor demarca claramente a perspectiva de língua adotada nessa teoria como a própria interação, e o ecossistema linguístico como constituído da Comunidade de Língua e da Comunidade de Fala. Ao situar pontualmente esse estudo, por exemplo, nos hábitos linguísticos da família de Major Porto, com o uso do léxico que lhe é próprio, com suas narrativas orais, ele apresenta os padrões de interação comunicativa (PIC). Couto traz como fundamentais os conceitos de comunhão, a predisposição para a interação; e o holismo, uma perspectiva de totalidade harmoniosa dos elementos do ecossistema linguístico. Essa parte segue comparando a Linguística Ecossistêmica a algumas teorias linguísticas, notadamente à sociolinguística, em que são focados conceitos de “língua culta”, “língua padrão”, “variação linguística”, “língua” e “linguagem”.

Em *A comunidade de fala Fazenda Capivarinha* Couto descreve as características linguísticas desse grupo humano a priori como uma “comunidade de fala” e defende a precedência dessa nomenclatura em relação a “comunidade de língua”, por sua maleabilidade e simplicidade: um falar rural, monodialetal e monolíngue compartilhado pela vizinhança rural, integrados em um espaço geográfico, em uma mesma fazenda de Minas Gerais, do segundo ao terceiro quartel do século passado, comungando a convivência dos seus integrantes humanos com os animais e suas plantações. A linguagem dessa comunidade constitui-se de um léxico bastante próprio para seus referentes (toponímico, antroponímico, zoonímico, fitonímico, hidronímico, entre outros), bem como de padrões de interação comunicativa muito particularizados a essa comunidade. O autor ressalta a importância seminal do território para a caracterização da comunidade de fala, tendo em vista que para haver povo necessariamente deve existir um território e para haver língua deve haver um povo que a fale, três elementos indissociáveis: PTL, ou seja, as interações comunicativas estão essencialmente inter-relacionadas aos espaços

habitados. Neste capítulo, a fazenda, as pessoas e as formas de interação entre o povo e sua terra – seus comportamentos linguísticos e suas histórias de vida – são descritos de forma pormenorizada pelas mãos e olhos de quem os conhece bem. Uma contribuição bastante pertinente é a descrição da interação no ecossistema linguístico, constituída pela interação pessoa-pessoa, a comunicação (bidirecional) pela comunhão e pela própria comunicação; e pela interação pessoa-mundo, via referência, denominação/nomeação e significação. Couto defende a língua como para muito além do apenas “social” ou “mental”, as regras de um sistema abstrato, as regras sistêmicas; a língua seria biopsicossocial, tendo em vista que “tudo começa no natural” (p. 55) e ela compreende “comunhão, comunicação e significação, combinadas com as regras interacionais” (p. 51). O ecossistema cultural estaria englobado nessa totalidade compartilhada pela comunidade: língua, gestos, crenças, usos, costumes, artefatos e muito mais. É excluída a definição de português padrão ou dialeto padrão e de variação e são apresentados os de português rural ou dialeto rural, português urbano ou dialeto urbano e português estatal ou dialeto estatal, todos esses elementos com seu próprio estatuto ontológico.

Nos capítulos 3 ao 6 é dado foco especial aos diversos tipos de nomes: de lugares (microtoponímia), com as interações pessoa-pessoa e pessoa-mundo; de pessoas, a exemplo dos moradores da fazenda *Capivarinha* ou fazenda do *Zé Artino*, de antropônimos como *Criola, Isé, Nina, Marieta, Nego, Derça, Chiquinha, Culinha*, e apelidos diversos, nomes de animais domésticos, nomes de plantas e etnomedicina. Da toponímia, ou melhor, etnotoponímia, o foco é dado à microtoponímia, como o próprio contexto da fazenda o exige. As designações dos lugares recebem atenção especial nesta vertente de estudos, como afirmado por Couto, em vista de uma concepção ecossistêmica de língua em que tudo começa no natural, no espaço geográfico. Assim, “Os topônimos designam o que representa a base para a existência de uma comunidade, de um ecossistema linguístico, o lugar em que as pessoas convivem, o seu território” (p. 60) e revelam a visão ecológica de mundo dos sujeitos denominadores: a *Serra do Parmital*, o *Corgo das Batata*, *Serra do Roxa*, entre outros. Surpreendente nessa comunidade é o fato de os microtopônimos terem desaparecido juntamente com a comunidade de fala que deles fazia uso, diferente de outros nomes de lugares que têm servido como indícios históricos de um passado remoto, embora os falantes já tenham “desaparecido”. Por sua vez, os antropotopônimos mais presentes nas interações são os apelidos e hipocorísticos, os nomes “reais”, dos quais alguns, de uma lista 1980, são elencados: *Baio, Béba, Bolô, Churum, Dô-Dô, Tuca*, entre outros. Os nomes de animais constituem um conjunto que demonstra a convivência fraterna do homem sertanejo com os elementos do ambiente natural. A forma de conceber essas denominações demonstra sua relevância na comunidade: os cavalos *Lontra* e *Castainho*; os bois *Presente, Cadarço, Roxão, Istrêla, Dilicado*; as vacas *Rainha, Cabrocha, Grã-Fina*; e os cachorros *Piano, Piloto* e *Japi* representam esse sistema denominativo. Na denominação das plantas, os “pé” de *jambo, de manga, de pitanga* com as plantas silvestres, *jacarandá, sucupira, cedro, peroba*, e medicinais *alecrim, erva cidreira, quebra-pedra* constituem o ambiente etnobotânico necessário à vivência da comunidade. Percebe-se uma relação metonímica básica no modo como esses habitadores denominam os referentes revelando a relação de contiguidade com o ambiente natural.

O capítulo sobre a comunicação estabelecida pelos humanos com os animais – os humanos são a parte ativa da interação, numa aparente assimetria - na fazenda *Capivarinha*, seja nas relações de produção para a subsistência, com galinhas, porcos, vacas; ou na convivência familiar cotidiana com cães e gatos, categoriza funcionalmente a linguagem para os diferentes animais: chamar, afugentar, estimular, parar, segurar e apresenta seus traços fonológicos.

Ao acionar a memória da comunidade e suas narrativas orais mesmo que em formato mínimo, uma análise linguístico ecossistêmica é aplicada à linguagem da comunidade de Major Porto, com suas regras interacionais, sob os aspectos “natural”, os indivíduos membros daquele território e utentes da língua; “mental”, com suas concepções individuais; e “social” em suas interações características, suas narrativas situadas temporalmente e atualizadas como acontecimento de memória, inclusive, de memória que também se apaga via desaparecimento da microtoponímia. Percebe-se que a análise dessas narrativas enfatiza o homem sertanejo com sua cultura, o ambiente que o cerca e, principalmente, que lhe consubstancia na luta e na defesa da vida, práticas consideradas mais importantes do que quaisquer teorias e ideologias. Esse viés de análise segue o que propõe a Análise do Discurso Ecossistêmica (ADE), parte da Linguística Ecossistêmica (LE), que vem sendo desenvolvida no Brasil, influenciada pela Ecologia Profunda, como informam Couto e Nenoki do Couto (2016) e Couto (2020).

A leitura do *Prólogo* certamente será um deleite enriquecedor, uma mescla de análise e poesia. Eu já tinha pensado em paixão com e pelas palavras, mas fazer amor com as palavras traz também ao leitor um verdadeiro êxtase pela linguagem, pelas palavras. O *Epílogo* reafirma que o texto não é nostálgico, estático, mumificante, mas uma celebração da diversidade, da diferença, de uma comunidade linguística produtora de cultura. Algumas notas e os apêndices constituem uma riqueza à parte.

Já conhecia Major Porto pelos versos desse autor e não tem havido cercas a me separar desses sertões, pois em cada obra de Couto mais dessa comunidade me acerco. E esta é uma obra tecida não somente com as teias do cérebro. Não se entrelaçam aí as tramas do coração humano, quando contrai para si o torrão natal? E por que não saudade? Racionalidade e saudosismo em algum momento podem se mesclar, ainda mais em um contexto de pandemia, propício ao afloramento de sentimentos contraditórios, em que natureza e modernidade, homem e animal, linguagem e silêncio, vida e morte se interpenetram. A linha que diferencia o humano do não humano, o sentimental do brusco e a entre-vida é muito tênue e não torna uma obra de somenos importância.

Continuo em comunhão com o texto, com o autor e com os personagens e me irmano na e pela linguagem desse dialeto rural, como é classificado no livro. Gerada em um sertão do Alto Gerais de Balsas, num Maranhão intensamente profundo, ao mesmo tempo reimoso e saudável, sinto-me enlaçada nas maranhas dos sentidos da mineirice dos sons, dos nomes, das palavras, das narrativas do sertão, que é todo um sertão brasileiro, todo muito semelhante, como aduz o autor.

De grande valor é esta leitura para todos aqueles que se interessam por novas teorias, novos saberes, novas ciências, pelas questões de linguagem (notadamente dos nomes próprios), de ambiente, de diversidade e, essencialmente, pelo que é mais profundo na tessitura da linguagem, as interações ecossistêmicas simples, reais, principalmente em tempos que clamam que o homem se volte mais para o natural, que repense o sentido de sua existência nestes espaços.

Referências

Couto, H. (2020). *Análise do discurso ecossistêmica – ADE*. Árboles y Rizomas. Vol. II, Nº 2 (julio-diciembre, 2020): 1-14. Universidad de Santiago de Chile, ISSN 0719-9805.
<https://doi.org/10.35588/ayr.v2i2.4634>

Couto, H. H. do; Couto, E. K. N. N. do. Análise do Discurso Ecológica. In: Couto, H., Couto, E., Paulino, G., Albuquerque, D. (orgs.). (2016). *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: Ensaio ecolinguísticos clássicos e contemporâneos*. Goiânia, Brasil: Editora da Universidade Federal de Goiás.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. *Cidades, Minas Gerais, Patos de Minas*. Brasília: IBGE, 2021.

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/patos-de-minas/panorama>

Acesso em: 13 abr. 021.

Resenhado por Maria Célia Dias de Castro

E-mail: celialeitecastro@hotmail.com

Professora do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA; e do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL da Universidade Estadual da Região

Tocantina do Maranhão – UEMASUL – Brasil

Pesquisadora FAPEMA.